



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: FASES DA LUA, ROTAÇÃO E TRANSLAÇÃO.

Maria Carolina de Santana Peixôto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
carolinageo@outlook.com

Marília Mabel Lopes Moraes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
mariliamabel@hotmail.com

Danielly Karoline Cruz Tavares
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
dannybass16@hotmail.com

Resumo

O Estágio Supervisionado é uma etapa fundamental para os licenciandos, em muitos casos é onde acontece o primeiro contato com a sala de aula, seus desafios e concepções. Em vista disso, relataremos as experiências vividas no I Estágio Supervisionado em Geografia, baseando-se na metodologia de Bernardy e Teixeira (2008), nos documentos normativos tais como a Constituição Federal no que compete à Lei do Estagiário, e ainda, seguindo Muller et al, com a confecção de uma caixa representando o sistema entre a Terra e a Lua para melhor expor o conteúdo: Fases da Lua, Rotação e Translação. O trabalho teve como objetivo principal relatar e discutir a contribuição de oficinas pedagógicas para a formação docente inicial e para o ensino de Geografia na Escola Municipal Nair Fernandes Rodrigues durante o Estágio Supervisionado I, através do curso de Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/CASWL.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Licenciatura em Geografia, Ensino-Aprendizagem.

Introdução

O Estágio Supervisionado na Licenciatura é uma etapa fundamental na formação de futuros professores, pois este lhes apresenta a realidade de uma sala de aula, seus desafios e concepções. Para alguns universitários, seu contato com a sala de aula ocorreu apenas quando eram alunos, então é no momento do estágio que a cena se inverte e os discentes se tornarão responsáveis por ministrar a sua própria aula.

Ao ingressar na Universidade o discente dedica um tempo maior para as disciplinas de cunho teórico e no estágio a prática e a teoria se encontram simultaneamente, além de socializar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida acadêmica .

De acordo com a Lei nº 11.788 em seu Art 1º, que respalda todos os estagiários, estágio é o,

ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008).

Para Bianchi et al. (2005) *apud* Bernardy e Teixeira (2008), o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter, ou seja, é neste momento que o aluno se identificará (ou não) com o lecionar, e não só isso, mas o lecionar por prazer pela profissão.

A partir desses pressupostos temos como principal objetivo deste trabalho relatar e discutir a contribuição de oficinas pedagógicas para a formação inicial do docente para o ensino de Geografia na Escola Municipal Nair Fernandes Rodrigues (Fundamental II), bem como apresentar os fatos vividos por alunos do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado Walter de Sá Leitão, durante esta fase proposta pelo componente curricular Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia I, com duração de 20 horas/aula, na escola municipal Nair Fernandes Rodrigues, localizada no município de Assú/RN. Sob essa ótica, justifica-se então a importância do Estágio Supervisionado para a experiência docente ao longo da graduação, sendo este, mediador fundamental entre a teoria e a prática aplicada no âmbito Universidade-Aluno/Aluno-Estágio.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a revisão bibliográfica de alguns autores como Bernardy e Teixeira (2008), a Constituição Brasileira no que compete às Leis que regem o estágio, entre outros; além de relatos da experiência prática vivenciada pelos respectivos graduandos.

Estágio em Geografia

De acordo com o Decreto nº 87.497/82, no seu Art. 2º, considera-se o estágio curricular “as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.” (BRASIL, 1982).

Dessa forma, o curso de licenciatura em Geografia do CAWSL, embora recentemente criado, conta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), com a disciplina de Estágio Supervisionado em sua grade curricular para os últimos períodos de formação docente como formação teórico-metodológica para o alunado de licenciatura, bem como em todos os outros cursos desta instituição, e orienta seus discentes na preparação tanto quanto profissional, quanto cidadão.

De acordo com as etapas propostas pelo Componente Curricular, Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia, inicialmente os licenciandos tiveram seu primeiro contato com a referida escola, direção, professores, salas de aulas e alunos. Essa etapa foi realizada em grupo entre 4 e 5 discentes. Mesmo que este estágio inicial não contemple a fase de regência (apenas a observação) essa foi para muitos, o seu primeiro contato com a realidade escolar e como futuros professores. Nessa fase tivemos que elaborar o diagnóstico da escola, discutindo junto a direção questões como, o planejamento das aulas, a infraestrutura da escola, a relação professor-aluno, como é trabalhado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e que tipos de atividades extra-escolares são realizadas.

Pimenta e Lima (2005) afirmam que o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. O estágio se consolida como um componente teórico-prático de oportunidade de aprendizagem que permite ao discente de formação em licenciatura, uma percepção da realidade escolar (NETA E ANDRADE, 2016). Dessa forma, o estágio como parte prática se faz muito importante, uma vez que o discente ingressa na Universidade e com o passar do tempo constrói o sua base teórica, porém não sabe relacionar a teoria com a prática. O estágio é então, uma oportunidade de crescimento e realização pessoal e profissional. A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa

de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado (PIMENTA E LIMA, 2005).

Percebeu-se que alguns discentes já tinham alguma ideia de como seria o estágio por já estarem lecionando, e muitos outros já achando tal fato entediante, pois tinham pensamento formado que os alunos da escola não colaborariam nesse passo tão importante para os futuros profissionais. Paralelo a isso, a professora orientadora nos norteou quanto às dúvidas e inquietações desta fase. Antes mesmo de serem ministradas as aulas cotidianamente, ela já nos sondava com algumas dicas e observações da realidade das escolas públicas, contanto as próprias experiências, fazendo com que alguns mitos fossem esclarecidos e inclusive chegando a amenizar a ansiedade dos discentes.

Borssoi chama a atenção quanto a essa preocupação dos discentes quando diz que

os acadêmicos ficam angustiados, mais com os estágios supervisionados, do que com as atividades práticas desenvolvidas durante curso. Ou seja, reportando-se ao comportamento dos alunos na realização do estágio supervisionado, nota-se uma preocupação, além da reflexão sobre a importância do mesmo na formação docente. Vê-se que muitos acadêmicos desenvolvem as atividades do estágio supervisionado com uma facilidade extrema, sem precipitações. Já, outros encaram-no como “algo de outro mundo”, “desconhecido” (BORSSOI, 2008).

Portanto, é necessário desmistificar a disciplina de Geografia nos bancos escolares, pois bem como observamos os alunos em muitas aulas não se interessam em participar junto ao professor. Tivemos então, o grande desafio de tornar a aula mais dinâmica e divertida sem perder o foco, auxiliando ao professor-colaborador e este devolvendo a reciprocidade para os estagiários.

Metodologia: oficinas

No início do estágio, foi proposto pela professora orientadora que fizéssemos uma oficina pedagógica (ou projeto de intervenção) com os alunos de cada série que os docentes ficaram responsáveis por observar. Cada grupo trabalhou um tema com a sua respectiva série ao final da observação. O objetivo das oficinas seria trabalhar o conteúdo dado em sala de aula de forma dinâmica e prática afim de que o aluno não

obtenha apenas o conhecimento pelo conhecimento. Tal oficina foi aplicada ao final da observação, com um tema escolhido pelos licenciandos. Nesta etapa, a escolha do tema é algo essencial, pois este pode (ou não) despertar o interesse do alunado.

Para Francisco Júnior e Oliveira (2013), as oficinas são um espaço-tempo complexo, cujos participantes são atores e sujeitos, produzindo modos de interação capazes de superar a aplicação acrítica de teorias ou a prática pela prática, destituída de fundamentos teóricos. As oficinas também trazem como característica, a abertura de espaços de aprendizado que buscam o diálogo entre os participantes (MARTINS; FREITAS; FELDKERCHER, 2009).

Ao chegarmos à escola, a direção nos orientou sobre a Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA), processo seletivo que já se tornara tradição na escola entre os alunos. É uma forma de trabalhar a interdisciplinaridade no ambiente escolar, pois o alunado lida com matemática, ciências e geografia e seus ramos. De acordo com Marques (2010), a interdisciplinaridade é uma maneira (métodos e conteúdos) de se trabalhar o currículo disciplinar qualitativamente negando-o, abrindo-se para diferentes possibilidades. Para Chamchaum (2016), a interdisciplinaridade tem sido considerada como uma alternativa para se alcançar o desenvolvimento de um pensamento que caracteriza o mundo atual, cercado de novas tecnologias com seus desafios.

Além disso, a diretora da escola nos orientou que trabalhássemos com temas cobrados pela banca da OBA nas séries do Fundamental II. Neste caso, cada grupo escolheu seu(s) tema(s), ao passo que nós escolhemos Fases da Lua, Rotação e Translação. Dessa forma, montamos o nosso projeto de intervenção que tinha como objetivo geral facilitar a interpretação das principais fases da lua, o que é a lua, quanto tempo demora cada fase, a duração da luação, porque elas acontecem e também qual a sua influência na Terra. Além disso, ficaram compreensíveis ainda os movimentos de rotação e translação da Terra em torno de si própria e em torno do Sol ao longo de 365/366 dias, respectivamente, e quais as consequências destes movimentos na Terra.

Fora importante a aplicação deste projeto de baixo custo para que os alunos pudessem sair da maçante e teórica aula de todos os dias e poder observar como realmente acontece esse fato que eles veem nos livros didáticos. A metodologia utilizada fora um material didático alternativo, de baixo custo e de fácil manuseio. A

saber: uma caixa de papelão, cartolinas pretas (ou tintas pretas), cola, tesoura, fita adesiva, bola de isopor, palito de churrasco e uma luz incandescente de 60 W.

Seguindo a metodologia de Muller et al (2015), confeccionamos a caixa (pode ser de sapato ou qualquer outro tipo) e colamos, inicialmente, a cartolina preta por dentro da mesma, para evitar problemas com a iluminação interna. Entretanto, tal passo pode ser modificado também por tinta preta.

Em seguida, acoplamos com fita adesiva um bocal com uma luz na extremidade da caixa, simulando o Sol. Após isso, com um pedaço de isopor, fora feita uma base para que, com um palito de churrasco, encaixasse a bola de isopor; simulando a Lua.

Por fim, como pode ser observado na Figura 01, os furos nas quatro extremidades da caixa foram inseridos para que, em cada posição, as principais fases da Lua sejam observadas: cheia, minguante, nova e crescente, identificando-os com as seguintes letras em cada orifício: A, B, C e D.

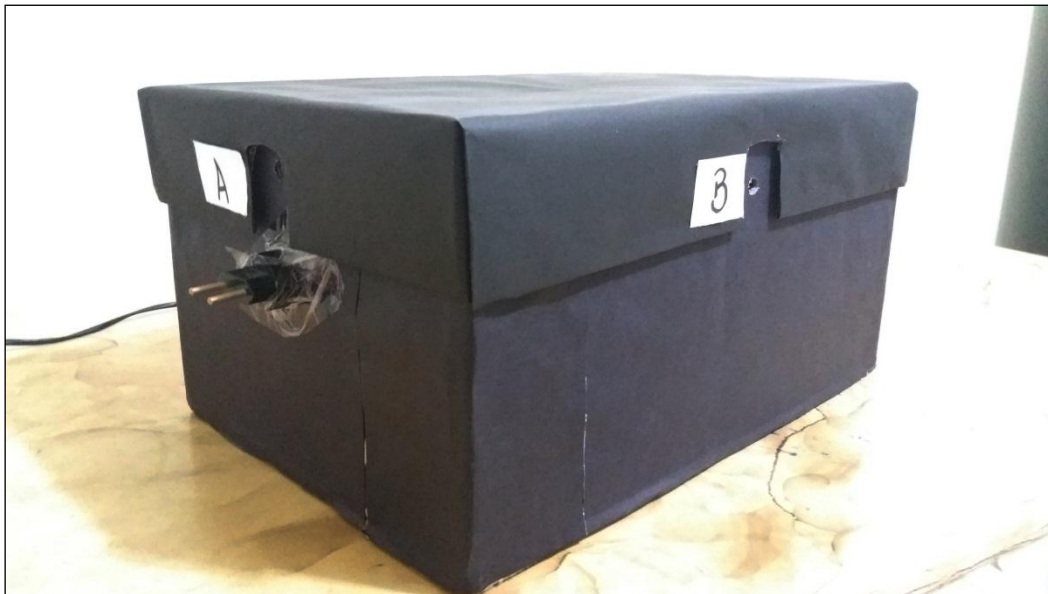


Figura 01 – Visão geral da caixa
Fonte: As autoras.



Figura 02 – Visão do orifício A.



Figura 03 – Visão do Orifício B.

Fonte: As autoras.

Através da Figura 02 podemos observar como ocorre a visão dos orifícios para dentro da caixa. No orifício A é possível identificar a Lua Cheia, pois a luz se projeta diante da bola e esta fica totalmente iluminada, imitando os raios solares sobre a Lua propriamente dita. Na realidade, a Lua está no céu durante toda a noite, nasce quando o Sol se põe e se põe no nascer do Sol. Lua e Sol, vistos da Terra, estão em direções opostas, separados de aproximadamente 180° , ou 12h (UFRGS, 2016). No orifício B, já é possível distinguir o Quarto Crescente, uma vez que a “parte escura”¹ e não visível está ao lado direito da bola. Ou seja, a Lua tem a forma de um semicírculo com a parte convexa voltada para o oeste (UFRGS, 2016).

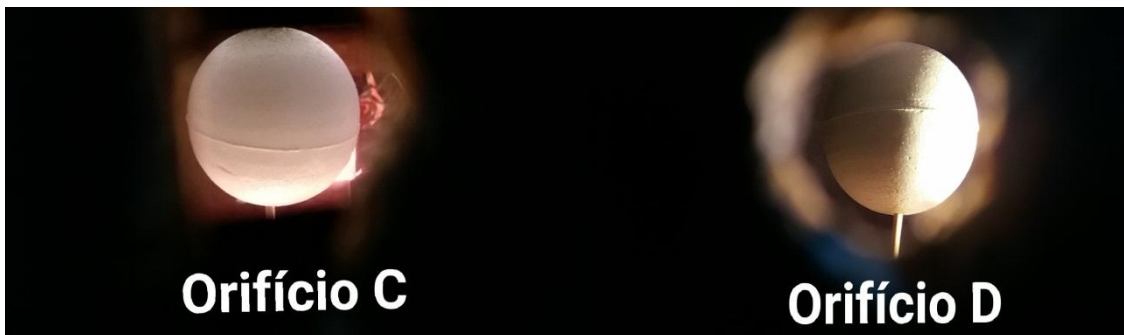


Figura 04 – Visão do orifício C.

Figura 05 – Visão do orifício D.

Fonte: As autoras.

Por fim, na figura acima estão os orifícios C e D. O orifício C representa a Lua Nova, por sua face está totalmente voltada contra a luz e sua parte visível ser a parte “escura”. A Lua Nova acontece quando a face visível da Lua não recebe luz do Sol, pois os dois astros estão na mesma direção (UFRGS, 2016). Nessa fase, a Lua está no céu durante o dia, nascendo e se pondo aproximadamente junto com o Sol. O orifício D

¹ Expressão utilizada pelos próprios alunos para melhor compreensão.

por sua vez, representa o Quarto Minguante, uma vez que a sua “parte escura” está ao lado esquerdo da bola. Ou seja, a Lua está a oeste do Sol, que ilumina seu lado voltado para o leste (UFRGS, 2016).

Conforme as figuras 06 e 07 ilustradas abaixo, aplicamos em regência a oficina das Fases da Lua para os alunos do 8º ano 1. Como éramos um grupo de cinco, dividimos as tarefas sobre as fases da lua, rotação, translação, suas causas e consequências. De início alguns deles ficaram curiosos quanto à caixa preta, mal nos deixando explicar o conteúdo teórico com tamanha curiosidade. Antes de olharem para dentro da caixa, explicamos aos alunos um fato curioso que muitos não sabiam: a Lua não possui somente quatro fases, mas sim 31. Em cada dia (noite) ocorre uma fase diferente, porém as mais conhecidas são as já citadas na explicação anterior.



Figura 06 – Regência.



Figura 07 – Regência.

Fonte: FERREIRA, Gracileide. 2016.

Após explicarmos a teoria e falarmos que dentro da caixa haveria um mini sistema representando a Terra, a Lua e o Sol, logo se empolgaram para ver através das extremidades. Seguimos a lógica sempre utilizada pelo professor colaborador de chamar cada aluno por fila. Posterior às explicações, aplicamos uma pequena atividade de fixação onde os alunos se empenharam bastante em fazer. Em uma das questões, os alunos deveriam olhar através dos orifícios e em seu caderno escrever qual fase representava no orifício que este observou. Alguns chegaram a confundir as fases, mas depois de olharem novamente para a caixa puderam compreender e responderam a atividade corretamente.

Um fato a ser citado é com relação ao comportamento dos alunos antes e depois da oficina. Ao chegarmos à sala para a fase de observação, notamos que os alunos eram relativamente calmos, sem tantas brigas entre si (como foi observado em

outras turmas), entretanto, em alguns momentos de descontração era bastante difícil de controlá-los.

Com a aplicação da oficina eles chegaram a ficar agitados na sala, agitação essa causada pela curiosidade da “caixa preta”, assim intitulada por eles. Mas a partir do momento em que eles viam através das extremidades já conversavam entre si discutindo qual poderia ser a fase correspondente e tirando dúvidas uns com os outros. Ou seja, percebemos que houve um engajamento maior dos alunos com os professores (estagiários) bem como houve maior participação em sala de aula principalmente por aqueles que sentam no final desta e geralmente não dão muita importância aos conteúdos ministrados sempre da mesma maneira.

Concordamos com Rigonato (2016) quando ele averba que é preciso transcender a Geografia descritiva e enciclopédica. Pimenta e Lima (2005) por sua vez, afirmam que o estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão da complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional.

Por fim, pedimos para os alunos avaliarem a dinâmica, embora a maioria da sala estivesse em euforia por conta da própria dinâmica, alguns responderam que foi muito bom, pois levamos algo de diferente para a sala de aula e isso a tornou mais interessante naquele dia. Alguns chegaram a comentar que seria ótimo se tivessem professores que levassem dinâmicas assim para eles nas aulas de geografia, pois esta era uma disciplina em que a maioria não “ligava muito”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, percebemos que há certa carência no ensino de Geografia nas escolas, tanto pelo fato da maioria dos professores não serem formados na área quanto por não haver incentivo por parte dos órgãos públicos para com os seus servidores, uma vez que estamos tratando de escola pública.

Assim, o estágio proporciona motivação ao professor-colaborador, que já pensa em novos métodos de ensino-aprendizagem para seus alunos. O que seria sempre viável de se fazer para que não se deixasse o amor pela disciplina morrer.

Além disso, o estágio proporciona o encontro e/ou o reencontro de estagiários com a sua futura profissão. Trazendo à tona o brilho dos olhos ao ensinar, mesmo com todas as dificuldades para serem superadas.

É através do estágio que decidimos se realmente queremos ou não continuar atuando na área de ensino. É também fonte de inspiração e imaginação para planejar uma aula dinâmica e divertida para que seus alunos possam compreender melhor o conteúdo. É a preocupação se estes irão aprender. Se irão se empolgar com a aula e participar dela. Enfim, estágio é preparação para uma longa jornada de doação e preocupação com seus alunos.

REFERÊNCIAS

BERNARDY, Katieli; TEIXEIRA, Dirce Maria. **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores.** 2012. Disponível em: <[http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia do estagio supervisionado para a formação de professores.pdf](http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia_do_estagio_supervisionado_para_a_formacao_de_professores.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2016.

BORSSOI, Berenice Lurdes. **O estágio na formação docente: da teoria a prática, ação-reflexão.** Disponível em: <[http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo 28.pdf](http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2028.pdf)>. Acesso em: 09 out. 2016.

BRASIL. da Definição, Classificação e Relações de Estágio nº 11788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe Sobre o Estágio de Estudantes e dá Outras Providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, BRASÍLIA, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 03 abr. 2016.

BRASIL. Constituição (1982). Decreto nº 87497, de 1982. Decreto nº 87497. **Regulamenta A Lei Nº 6.494, de 07 de Dezembro de 1977 e dá Outras Providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, BRASÍLIA, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm>. Acesso em: 04 jun. 2016.

FRANCISCO JUNIOR, Wilmo Ernesto; OLIVEIRA, Ana Carolina Garcia de. **Oficinas Pedagógicas: Uma Proposta para a Reflexão e a Formação de Professores.** 2013. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc37_2/09-RSA-50-13.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

MARTINS, Francine Netto; FREITAS, Deisi Sangoi; FELDKERCHER, Nadiane. **Oficinas Pedagógicas: instrumento de valorização da diversidade no ambiente escolar.** 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2011_1697.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

MARQUES, Maria José Diogenes Vieira. **A importância da disciplina, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, transversalidade e multiculturalidade para a docência na educação.** 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12565024-Anais-do-ii-seminario-de-pesquisa-do-nupepe-uberlandia-mg-p-274-291-21-e-22-de-maio-2010.html>>. Acesso em: 09 out. 2016.

MULLER, Angela. et al. 2015. **As fases da Lua numa caixa de papelão**. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~fatima/Caixa_mar07.pdf> Acesso em: 31 março 2016.

NETA, Maria da Paz dos Santos; ANDRADE, Ismael Mendes. **Estágio em Eeografia: teoria e prática na formação de proefssores**. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/3o.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. 2005. Disponível em: <http://www.cead.ufla.br/portal/wp-content/uploads/2013/10/Arquivo_referente_ao_Anexo_V_do_Editado_CEAD_06_2013.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

RIGONATO, Valney D.. **O ensino de geografia nas séries iniciais: uma proposta e os seus desafios**. Disponível em: <https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/Valney_D._Rigonato__ensino_de_geografia.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

UFRGS. **Fases da Lua**. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/lua/lua.htm>>. Acesso em: 06 out. 2016.